

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Collaborada pelos associados



ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1883.

N. 13.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1883.



A TERCEIRA EXPOSIÇÃO DE CAFÉ

EVIDO aos agigantados esforços do Centro de Lavoura e Commercio, foi inaugurada, no dia 8 de Dezembro, a terceira exposição de café brasileiro.

Esta festa do trabalho—elevada manifestação da actividade de duas classes, que já começaram a compreender o quanto lhes interessava aperfeiçoar e tornar conhecido o mais valioso producto do Brazil — é de enormíssima importancia para o progresso da riqueza publica, e uma garantia do bem estar futuro dos filhos d'esta terra.

A illustrada corporação que tomou a iniciativa de tornar conhecido no estrangeiro o nosso café, tem lutado vitoriosamente com a criminosa indifferença d'aqueles que mais se deviam interessar pelo bom exito d'estes commettimentos; com o pessimismo desleal de alguns negociantes e com as dificuldades materiaes, inherentes a todos os certamens altamente civilisadores.

Mas, felizmente para a nossa lavoura, a tenacidade dos illustrados membros do Centro de Lavoura e Commercio conseguiu triumphar, brillantemente, da criminosa indifferença de grande numero de lavradores; do pessimismo desleal e injusto de alguns negociantes; das numerosas dificuldades que se antolhavam á realização do seu *desideratum*, e apresentar no dia 8 de Dezembro ao exame criterioso do publico d'esta capital o resultado dos seus esforços gloriosos.

A imprensa diaria tem sido unanime em applaudir todos aquelles que concorreram para que se reunisse, no edificio da escola Polytechnica, colleccões de amostras de café das províncias de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Espírito-Santo e Ceará. N'esta exposição podem ser observados os aperfeiçoamentos, resultantes do confronto das amostras e das machinas, nas duas exposições anteriores.

O café que hoje aparece no nosso mercado é incontestavelmente muito melhor preparado do que o dos annos anteriores; e como explicar este phenomeno importante, senão analysarmos as beneficas consequencias das exposições passadas, também devidas ao Centro de Lavoura e Commercio?

No dia em que todos os agricultores e negociantes se compenetrarem das verdades economicas que o Centro de Lavoura e Commercio evangelisa com entusiasmo, fazendo exposições annuas, pugnando pela reforma das tarifas em geral, pela conversão em ouro do papel moeda, por uma boa lei hypothecaria e pela aquisição de braços para desbravar o solo brasileiro—acreditamos que não deixarão de auxiliar os patrioticos e levantados commettimentos do já benemerito Centro de Lavoura e Commercio.

Os nossos parabens á commissão organisadora da terceira exposição, por ter surprehendido agradavelmente o espirito publico, com a mais completa das exposições de café até hoje realizadas.

A IMMIGRAÇÃO CHINEZA

III

A grande confederação dos Estados Unidos, que actualmente é considerada como uma das nações mais adiantadas, especialmente em tudo que tem relação com a industria, foi em tempo, como é no momento actual a nação brasileira, vítima do falso ideal da immigração chineza. E foi em virtude d'esse falso ideal que o governo norte-americano celebrou os tratados de 1844 e 1858 com o governo de Pekin, nos quaes garantia certas condições vantajosas a todos os chins que pretendessem fixar residencia nos Estados Unidos e trabalhar com afincó para desbravar o solo norte-americano.

O Congresso Americano, tambem decretou algumas providencias com o fim de atrair para os vastíssimos territorios da União, na maior parte ainda incultos por falta de braços, os trabalhadores asiaticos.

Tanto as tratados de 1844 e 1858, como as providencias decretadas pelo Congresso Geral, sancionadas pelos diversos Estados da União e bem acolhidas pelo espirito publico, tudo surtiu o fim que os americanos tinham em vista: arrancar as immensas riquezas que o egoísmo do solo americano escondia nas fraldas das montanhas, no leito dos grandes rios e no seio das florestas, onde já mais ousará penetrar o homem civilizado.

Os chins, convencidos por esse modo de que em qualquer ponto dos Estados Unidos podiam contar com a segurança individual, com a liberdade religiosa e com a garantia das propriedades que fossem adquirindo, resolveram immigrar para o Estado da California, cujas minas ofereciam vantajosa retribuição a quem as explorasse. Foi assim que grande parte do solo norte-americano começou a ser cultivada pelo chin.

Finalmente, o povo norte-americano esforçou-se de tal modo para adquirir trabalhadores por salario barato, que ao fim de trinta annos a immigração asiatica

para os Estados Unidos attingiu a proporções real-niente assustadoras; o que, de algum modo, forçou os legisladores americanos a prohibirem o desembarque de chins nos Estados Unidos.

Assim foi conjurada pelos sabios legisladores dos Estados Unidos a crise economico-social que ameaçava subverter a civilisação anglo-saxonica do Novo Mundo:

1.º Porque o chin, habituado em consequencia de causas que todos conhecem, a uma alimentação diminuta, deslocava o operario americano.

2.º Porque o chin em consequencia do seu completo atraso moral e intellectual, era um obstaculo poderoso ao desenvolvimento do povo americano.

3.º Porque o chin, pervertido pela immoralidade dos seus costumes, concorria de alguma forma para a demolição da tradicional austeridade dos puritanos, cujas virtudes foram eloquentemente decantadas pelo eminent romancista Cooper, nos *Puritanos da America*.

4.º Porque o chin, educado n'um regimen politico muito diferente do regimen norte-americano, concorria, embora inconscientemente, para destruir a base da liberrima constituição politica dos Estados Unidos.

5.º Porque o chin, como representante de uma raça muito inferior á caucasiana, por *fas* ou por *nefas*, não deixava de inocular nas veias dos representantes d'esta raça o virus maldito que o atrophiou.

6.º Porque o chin concorria, por muitos motivos, para o desinhamento physico e moral da raça dominadora na America do Norte.

7.º Porque avolumando-se, como se avolumava, todos os dias a corrente de immigração asiastica para os Estados Unidos, bastariam poucos annos mais para que se tornasse impossivel fazel-a parar.

Eis as causas que incitaram os legisladores norte-americanos a repellir, enquanto era tempo, a immigração chineza.

ANTONIO DE SÁ.

ARRIBAÇÃO

As andorinhas gentis,
dos meus amores selvagens,
foram-se tédas, subtis,
arfando as lindas plumagens.

Chorando o bando de *houris*,
esses genios das romagens,
fiquei olhando os perfis
das fugitivas miragens.

O azul era tão lindo !
parecia um manto infinito
entrelaçado de estrelas !

Foram-se ! fiquei sózinho
a escutar o borborinho
do bater das azas d'ellas.

DUARTE PORTO JUNIOR.

UM SONHO

ERA bem tarde quando adormeci...
Visão horrenda me tolheu de panico :
Espectros brancos, feias sombras vi,
No ar, dançando, em festim satanico.

Tudo infernal os meus olhos vian :
Cadeiras, mezas, que se transformavam
Em demonios rubros, que apcs corriam,
Indo juntar-se aos que já dançavam.

Até um cãosinho, meu fiel amigo,
Aos pés da cama a resomnar commigo,
Em diabo pareceu-me transformado.

Trémulo de pavor soltei um grito...
E evocando o Deus do infinito,
Vi, acordando, que havia sonhado.

JOÃO BRUNO.

Ziguezagues



Um, dois, tres !— minhas senhoras e meus senhores, bom dia !

Muito ao contrario da maior parte dos estreantes, que as mais das vezes se apegam a uma alluvião de desculpas, todas em prol da difficilma tarefa de que modestamente se incumbiram, eu, que tambem sou modesto (modestia á parte) e que faço a minha estréa neste momento assaz *solemne*, peço indulgencias a uma velha subtilmente arguciosa que vejo acocorada ali a um canto, a fitar-me com os olhos desmedidamente abertos — a critica — e surjo na arena depois das continencias de estylo.

Apresentando-me nas columnas d'esta *Revista*, que representa o esforço denodado de alguns moços amigos do trabalho e da instruccion, é meu unico intuito observar os *factos* e as *cousas*, apreciando-os segundo a logica do meu raciocinio e illuminando-me com a luz que transbordar de espiritos mais atilados.

Declaro, pois, ao leitor que soergue os supercilios ao ler-me, que não me sinto possuido d'aquellas *emoções* que sempre se vêm cuidadosamente acondicionadas nas prateleiras do grande emporio das *chapas*.

Não ! não me sinto emocionado e muito menos timido. Para isto fôra preciso que me precedessem com elogios amaveis e *reclames* pomposos — mercadorias sem cotação entre nós — o que seria um logro estupendo atirado á ingenua boa fé do pacato leitor.

E' um programma que julgo desprestencioso ; e se me não estalares um dos teus graciosos *muchóchos*, formosa leitora, tenho tirado a sorte grande !

A sorte grande !

Ora ahi está como eu sou desviado do assumpto que havia de antemão preparado com predilecto esmero, só por haver pronunciado aquellas três maldictas palavras que me vieram ferir irreverentemente os ouvidos.

O leitor ainda não teve occasião, ao que me parece, de tomar o pulso á minha coragem, mas ha de tel-a ; não é que eu seja para ahi um homem viru'ento, que retenha d'entro de si terriveis e fermentadas coleras, que tenha impetos de enfrentar com colossos e derrubar os ao chão, ou de minar os alicerces de qualquer instituição anachronica, não, não, senhor ! mil vezes não !—do que sou capaz é de passar uma solemne *descalçadeira* no terrivel vicio que dia á dia mais se propaga e que se reunio á immensidate de vicios de que somos possuidores :—o indecente jogo da loteria, que fornece-nos á luz do dia espectaculos tão repulsivos e capazes de fazer levantar dos seus leitos, ruborizados, os proprios parallelipipedos !

A alma do habitador d'esta leal e heroica cidade confrange-se ante esta serie de immoralidades ; o bom cidadão, que sae á rua de camisa lavada e reputação limpa, pisando a calçada pausadamente, fazendo a digestão, entre fumaradas de aromatico *harana*, tem muitas vezes o desconsolo de saltar fóra de seus habitos, fugindo, branco de raiva, á uma multidão compacta de cambistas, que á todia a força, com insistencia revoltante, lhe quer empurrar a sorte grande !

E' uma praga !

Se sahimos á rua, preocupados com nossos deveres, embebidos em profunda meditação ácerca dos nossos negocios, somos abordados por um exercito de pequenos e implicantes passadores de bilhetes de loterias nacionaes e estrangeiras, que, no desenvolvimento de uma eloquencia temperada á seu paladar, nos chegam até a convencer que n'um d'aquelles insi-

gnificantes papeis está collocada a nossa almejada independencia; isto irrita-nos; saímos em direcção ao theatro, acompanhados de nossas esposas e de nossos filhos; aboletamo-nos todos em um magnifico camarote, commodamente, prasenteiros, à espera que a orchestra preludie os primeiros accordes. Ha na physionomia de todos uma viva manifestação de farto contentamento. A noite é agradavel; e a claridade fresca da lua esmalta-se em explendidas colorações. A platéa enche-se. Alguns janotas apalermados põem-se em pé em posições ridiculas. As galerias, atopetadas de *habitues* entusiastas, desmancham-se em manifestações ardentes de impaciencia; e o troar dos tacões sobre o soalho levanta nuvens de finissimo e asphyxiante pó. Corremos os olhos por todos os lados, admiramos as decorações do theatro, descobrimos os bustos mais gentis e esbeltos que os camarotes contêm, e, afinal, quando nos dispomos a ouvir alguns agradaveis trechos de musica, pois o *maestro* toma o seu lugar e aperta as cravelhas de sua inspirada rabeca, lá nos surge o vulto typico e por demais popular do cidadão Castro Urso, que diz afluadamente á nossas filhas:

— Minhas senhoras: a grande! Anda amanhã... Fique com *umzinho*... É de palpité!

Um subito rumor abre-se ecoantemente pelos ares. As galerias prorompem n'uma assuada descommunal. Ouvi-se gritos e motejos n'estes termos:

— Olha o Urso! Urso! Urso! Fóra! fóra! fió! fió! fió! Ah! Ah! Ah!

Dir-se-hia vir abaixo o theatro.

Nossas filhas desfalecem; nossas mulheres arreliam-se; nossas sogras, feras bravias, praguejam, esperneiam, beliscam-nos, empurram-nos e até, para cumulo de todas as infelicidades, chegam a prometter-nos pancada, dizendo baixinho:

— Logo lá em casa havemos de ver quem tem garrafas vasias para vender!

Ora... isto envergonha-nos e faz-nos desesperar!

Esfogo-me, luto, cango, mas é de balde! — Tenho profunda convicção que o leitor palpita, que a leitora palpita e que, afinal, todos nós palpítamos, uns mais, outros menos, mas sempre guardando ambiciosamente a esperança de um futuro repleto das mais assuadas felicidades.

Parece-me já estar bem enraizada em nossos costumes essa nefanda mania do jogo lotérico!

Até a propria política, e a vida alheia, themas em que se apoiam os conversadores que enchem a rua do Ouvidor, parecem-nos ter sido postas de lado para dar lugar ao grande assunto da época que traz agitadas todas as esperanças — a loteria.

Só se ouve o estridulo produzido pelo choque das ambições!

Aqui, são os rapazolas malandros que evocam a deusa da fortuna; acolá, os velhacos indolentes que trazem a desregrada vida em uma despreocupação constante; lá adiante, são os velhos avarentos, carcomidos pela ferrugem dos annos, que a todo o instante, de dia ou de noite, assistem deslumbrados a um *can-can* de milhares de brilhantes e moedas de ouro que lhes fazem carétas entre gargalhadas estridulas.

Todos palpítamos, todos palpítamos!

Até este seu criado, moço todo aureolado pela coroa immaculada da innocencia, que nunca viu o papa e que come *tutu de feijão* por patriotismo, até este seu humilde servo, leitor, que sempre vos fita respeitoso, confessa com a franqueza que o caracteriza que costumava, ás vezes, a comprar o seu *vigesimoshino*...

O leitor esiai ahi a duvidar, mas eu insisto em con-

fessar-lhe que muitas vezes belisquei a deusa da fortuna!

Fui beliscando e tanto belisquei que ella um dia mimoseou-me com um dos seus gostosos beijos: quinhentos mil réis!

Tornando-se notorio o facto, todos os meus amigos, os mais sinceros, commentaram-n'o, fizeram-me elogios e comeram-me um jantar; os outros, aquelles menos sinceros, tiraram os seus chapéus, comprimentaram-me affectuosamente, lisongearam-me perdulariamente, dedicaram-me sonetos, chamaram-me de *talento secundissimo*, de *genio inspirado*, de *alma larga e dedicada ás acções generosas*, de *grande cidadão*, etc.

D'essa occasião em diante principiei a fazer alguns estudos sobre os homens e confessó que aprendi alguma cousa.

Um meu *extremoso amigo*, individuo todo dado ás *pomadas*, vate popular, escriptor humoristico, que não havia conseguido filar-me nem sequer uma empada, sentiu-se tão offendido na sua *dignidade*, que um dia, quando eu menos esperava, saltou p'ra a praça publica todo enfurecido, os cabellos hirtos, os olhos esbugalhados, e passou-me uma tremenda descompostura de tirar couro e cabello: —entre muita *cousa bonita*, disse que me achava muito *feio*, muito narigudo, que eu não tinha talento *nem nada*, que era um *diabo*, um *cousa nenhuma*, um *scelerado*, um *unhas de fome*, que havia tirado a *grande* e nem lhe matara o *bicho* e que...

Apre!

Disse muito e não se cansou.

E andei até muito assustado com a cousa: um meu amigo da rua larga de S. Joaquim, mettendo felizmente o seu nariz n'esta questão, informou-me que o tal typo trazia consigo uma navalha apropriada para o meu minguado abdomen, e, além da informação, levou a sua longanimidade ao extremo ponto de oferecer-se para guardar-me as costas, pois que elle, em uma outra pendencia, tinha se sahido bem.

Agradeci commovido e não cahi na asneira de ir pedir protecção á policia; não, n'essa não cahia eu: pedi simplesmente protecção á estas columnas que me sustentam valorosamente.

AVELINO LISBOA.

CAHIR

Se dos grandes vem o exemplo
Que nos guia e nos conduz,
Fechem-se as portas do templo,
Summam-se os raios da luz.

Ha dinheiro, ha rendimentos,
E' um crime o trabalhar!
Rujam os divertimentos,
Viva o riso e o dansar!
Ai! que ricos movimentos
Na maneira de beilar.

Geme a loira honestidade
Nos delirios dos festins;
Cava fundo a mocidade
O abysmo de seus fins;
Muréha a flor da mocidade,
Sob os pés dos msnequins.

Nas quadrilhas e nas valsas
Só ha sombras d'illusões,
Palavras amaveis, falsas,
Que convencem corações;
Das quadrilhas e das valsas
Só nascem devassidões.

Ensinae ás vossas filhas
Deveres sacros do lar,
Porque nem sempre, pandilhas!

Vivereis sem trabalhar:
Ensinae ás vossas filhas
A ser senhoras d'un lar.

O viverdes, opulentas,
Na ociosa vaidade,
Não vos dá os sentimentos,
Não vos dá a dignidade;
São mui sigelos momentos
Erros da vossa vontade.

Ai! vaporosa donzella!
Que será do teu viver
Se perversa e vil estrella
Com um beijo te accender
Essa face linda e bella?
— Autes, criança, morrer.

Ai! triste flor sombria,
Sem pudor nem consciencia,
Que nasceste na orgia,
Que murchaste na demencia,
Morrerás na enxovia,
No vicio, na decadencia.

Se do tronco, deslocado,
O ramo pendeu, caiu,
Morrerá secco e mirrado
Sem a seiva que o nutriu;
Maldito seja o cuidado,
Que o ramo cahir não viu.

ELEUTERIO D'AGUIAR.

Um juramento fatal

(Continuação)

— « Será cumprido o seu pedido ; ha muifo tempo que anceio pelo mar.

« Saberei portar-me com acerto e dignidade, embora tenha de lutar com elementos de terra e do mar. Para estes, nas occasões perigosas, invocarei a imagem de meu pae, e será isso bastante para me fortalecer ; enquanto aos de terra, saberei com prudencia e tino fugir d'elles. Sim, eu lhe juro ! »

« A proporção que eu assim fallava, a physionomia cadaverica de meu pae ia se animando alegremente e os seus olhos brilharam com estranho fulgor.

— « Vae, disse elle, agora estou mais descansado ; e deitou-me em seguida a benção.

Passados oito dias entregava meu pae a alma ao Creador. O que eu senti não o podes avaliar. Minha mãe não pôde resistir ao golpe e succumbio após meu pae. Fiquei, pois, orphão.

Foi n'estas circumstancias que o Sr. Leite, compadecendo-se de mim, levou-me para sua casa e ahi estive até á chegada do *Calypso*, de Gôa.

« Agora Trafaria, ficas sabendo qual é o motivo porque abracei a carreira do mar.

— E oxalá que seja feliz, disse o velho marinheiro ; mas deixemos por agora as tristezas e vamos á lição.

E o Trafaria começou, então, a explicar as manobras que só se aprendem a bordo.

Oito dias depois d'estes factos, fundeava em Lisbôa o brigue *Calypso*.

Trafaria foi para casa ; porque depois de tão longa viagem, era-lhe necessário recolher-se ao *estaleiro*, como elle dizia.

Ao despedirem-se, o velho Trafaria e o moço marinheiro estiveram longamente abracados ; sentiam um pelo outro, aquella amizade de marinheiro, que é a mais leal do mundo.

Alberto de Magalhães dirigiu-se para casa de Joaquim Antunes Leite, seu protector, o qual annuncio-lhe que ia fazel-o entrar para uma aula, afim de aprender nautica, segundo os preceitos da sciencia.

Eram decorridos nove annos ; os nossos personagens estavam bastante mudados.

Alberto de Magalhães achava-se na flor da idade ; instruido d'esde creança na vida pratica do mar, tinha agora adquirido, com os estudos que fizera em terra, um conhecimento geral da navegação. E tendo um mestre pratico, como era o seu bom amigo Trafaria, aprendera com elle aquillo que nos livros elle não pudera já mais aprender.

Em Trafaria apenas se notava, em sua cabeça, alguns cabellos brancos, devido á sua avançada idade ; era esta a unica alteração, pois que no mais era sempre o mesmo homem.

Em viagem de Pernambuco para Lisbôa, seguia no mez de Novembro de 18... o brigue portuguez « *Boa Esperança* ». Alberto de Magalhães era seu comandante e Fernando Trafaria mestre e 2º piloto.

O brigue levava um carregamento importante de açucar, lã e madeiras.

Essa viagem era a primeira que Alberto de Magalhães fazia como capitão ; pois tendo vindo no mesmo navio como 1º piloto, acharam-n'o bastante habil para preencher o logar do Capitão, que morrera de febres.

A sua alegria em ir como Capitão era immensa.

E á tarde, quando sobre o tombadilho, Alberto de Magalhães apreciava o bom tabaco e a marcha do seu navio, parecia ser completamente feliz ; mas de subito estremecia e apoderava-se d'elle uma tristeza inexplicavel. Foi n'uma d'essas occasões que o velho Trafaria veio surprehendel-o.

— Deus queira que façamos uma boa viagem, disse-lhe o moço capitão.

— Porque não, replicou o Trafaria ; pois se o brigue vae deitando oito nós... e, pelos meus calculos devemos

estar em Lisbôa nos fins do mez de Dezembro : tenha fé que ainda iremos passar o natal em nossa casa.

— Deus te onça ; porém eu tenho um presentimento de que esta viagem nos ha de sêr fatal ; talvez seja n'esta viagem, a primeira que faço como Capitão, que me faça lembrar o peso do meu juramento e o valor das minhas palavras, proferidas á cabeceira do leito do meu querido pae.

— Cale-se p'ra ahi, com mli raios ! era o que faltava : termos uma estréa funesta.

Repiro-lhe, o casco do navio está em perfeito estado ; o velame da mesma maneira, pois isso lhe afianço eu ; de mais a mais, se nos vier encommendar alguma bôrrasca não é a primeira vez ; e que a leve o diabo !

(Continúa).

INNOCENCIO CRUZ.

M A R I A

(A J. S. P.)

I

A MEI-TE um dia com amor immenso !...
No peito a esperança renascer senti :
De livre que era me tornei escravo
Dos duros laços d'esta paixão por ti.

Paixão immensa que me parte o peito :
Paixão immensa que me opprime a alma ;
Paixão immensa que um só momento
Não deixa em trégoas no meu seio a calma.

E no entanto cada vez mais bella
Corre-me a vida por um mar de dores :
E' sempre a esp'rança, fermentida ainda,
Que meiga embala-me n'estes amargores.

Mas... se em teu peito se concentra amor,
Amor que um dia nos levante aos céus...
Eis-me prostrado, e a teus pés deponho.
A pobre lyra que me vem de Deus.

II

Tu és, ó virgem, o meu doce anhelo...
Tu és do prado a resplandente flor...
Tu és meu sonho, meu scismar constante
Perto ou distante suspirando amor.

CALP.

MAROLAS

(A LEOPOLDO MOREIRA)

P OR um capricho da brisa
A fonte tremie medrosa :
Suspira, geme, deslisa...
Mas leva as pétalas das rosas.

Assim... por ti se escravisa
Meu coração, odorosa,
E nem minh'alma idealisa
Singela queixa amorosa.

Irmã da brisa, que frisa
A fonte terna e chorosa !
Como a rolinha que pisa
A flor do matto cheirosa,
Vôa no espaço... indecisa.
Leva-me ! oh ! linda mimosa !
No cabecão da camisa
Prende-me a vida, teimosa...

A. ONACIREMA.

EXPEDIENTE

Ha expediente, na secretaria do Centro Litterario, à RUA DE S. PEDRO N. 147, 1º ANDAR — nas *segundas, quartas e sextas-feiras*, das 7 ás 10 horas da noite.

Recebemos todos os jornaes e *Revistas*, relacionadas em o nosso ultimo *Expediente*, e mais os seguintes : — *Cruzada* e o *Boletim da Sociedade Central de Imigração* (Côrte) ; *Rio Branco*, (S. Paulo) ; *A Verdade*, (Santa Catharina) ; *Provinciano* e *O Mercantil*, (Rio de Janeiro) ; *Brado Conservador*, (Rio Grande do Norte) ; *A Floresta*, (Piauhy) ; *A Tribuna*, (Pernambuco) ; *O Porvir* e *A Província de Goyaz*, (Goyaz) ; *A Sensitiva*, *Itajubá*, *O Microphono*, *O Recreio*, (Minas) ; e a *Revista do Club Litterario José de Alencar*, (Alagoas).

Agradecemos a permuta e as palavras amabilissimas com que noticiaram o anniversario d'esta *Revista*.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.